

# Suplemento Cultural

## PARABÉNS, ACADEMIA SUL-MATO-GROSSENSE DE LETRAS!

**JOSÉ DO COUTO VIEIRA PONTES** – Acadêmico, cofundador da ASL

A Academia Sul-Mato-Grossense de Letras está completando quarenta e seis anos de existência nesta próxima segunda-feira, quando também empossa sua nova Diretoria eleita. Lembrar a data de sua fundação, 30 outubro de 1971, é motivo de júbilo e orgulho para todos os que amam este rincão abençoado do Oeste Brasileiro.

Com efeito, ao longo destas décadas, a Academia cobriu-se de glória, seja pela repercussão nacional de suas promoções culturais, seja pela produção literária de alto nível dos seus membros. O embrião da entidade foi o vitorioso lançamento da consagrada obra de Ulisses Serra, *“Camalotes e Guavirais”*, no dia 13/10/1971, em Campo Grande, uma noite de autógrafos inesquecível, até então jamais vista no Estado. Dezesete dias depois, o confrade Ulisses, numa manhã cheia de sol e cânticos de pássaros, convidou o poeta Germano Barros de Souza, bem com o autor destas linhas de saudade, e seguimos todos para a Estância Gisele, de propriedade de Ulisses, a 10 km da cidade, na rodovia que demanda São Paulo.

Em seu precioso livro *“A Fascinante Natureza Humana”*, o confrade Heliophar Serra lembra o dia do nascimento da nossa Academia, na beleza daquele ambiente bucólico.

Ulisses serviu um lanche, com refrigerantes, tudo preparado por um atencioso caseiro. Quando o bate-papo literário já prosperara bastante, Ulisses subiu num caixote e disse aos companheiros: “A Academia de Letras e História de Campo Grande está fundada”. Nascia, assim, o nosso arópagio, à sombra do arvoredor, como no Jardim de *Academos*, na Grécia Antiga. Nessa histórica reunião, Ulisses Serra recitou versos de seu pai, o notável poeta Arnaldo Serra, autor do livro *Aromita*; Germano declamou poesias de seus vates preferidos, inclusive Júlio Salusse; eu me lembrei de



FOTO: ARQ. DA ACADEMIA  
**NOVA SEDE DA ACADEMIA SUL-MATO-GROSSENSE DE LETRAS.** Templo cultural da nossa Capital

“

A partir de sua criação, nossa Academia editou o *Suplemento Cultural*, no *Jornal Correio do Estado*, graças à gentileza e ao nobre espírito de seu proprietário, o confrade J. Barbosa Rodrigues”

Vicente de Carvalho e Augusto dos Anjos.

A instalação oficial da entidade deu-se no dia 13/10/1972, no saguão do Hotel Campo Grande, às 20 horas, presentes altas autoridades e figuras de destaque. Após a solenidade, houve um banquete no Rádio Clube (cidade). Nesta memorável noite, a saudade e a emoção tomavam conta de todos os corações: Ulisses não estava presente. Falecera, no Rio de Janeiro, onde se achava em tratamento de saúde, em 30 de junho de 1972.

Toda a cidade chorou-lhe a perda. A Câmara Municipal, com o esplendor de sua histórica dignidade, desde o Império Romano, velou-lhe o corpo, no saguão, onde os amigos e admiradores, em longa e silenciosa fila, foram levar ao honrado filho, não o último adeus, mas a certeza de que ele viverá eternamente em nossos corações.

A partir de sua fundação, a nossa Academia prosperou. Passaram a integrar-lhe o quadro ilustre figuras da vida literária. O nome Academia Sul-Mato-Grossense de Letras veio no final de 1978, com o advento do novo Estado (Mato Grosso do Sul). A partir de sua criação, nossa Academia editou o *Suplemento Cultural*, no *Jornal Correio do Estado*, graças à gentileza e ao nobre espírito de seu proprietário, o confrade J. Barbosa Rodrigues, página publicada até hoje nas edições de sábado. Instituiu o Concurso de Contos Ulisses Serra, de repercussão nacional. Criou as Edições Acadêmicas, para publicação de obras literárias, mormente de membros do sodalício; as Biografias de Patronos, escritas pelos ocupantes das cadeiras da instituição; os Discursos Acadêmicos, periodicamente publicados em livros, contendo as orações proferidas por ocasião da posse de cada acadêmico. Várias outras iniciativas foram levadas a cabo, como cursos de Arte Poética, Arte de Escrever e Arte do Conto.

Parabéns, Academia Sul-Mato-Grossense de Letras! Muitos anos de Vida! Esta é a saudação dos simples, dos humildes, dos que trocam as riquezas materiais pelo aperfeiçoamento da cultura e enriquecimento do espírito.

Não foi em vão o seu maravilhoso sonho, Ulisses. Sabemos, com nossa fé cristã, que você, das galerias da Eternidade, está participando de nossa alegria, nesta hora de comovente lembrança, a par do contentamento pela conservação e cultivo de seu sublime ideal.

*SIC ITUR AD ASTRA*, dizem os gloriosos romanos. Na verdade, *ASSIM SE VAI AOS ASTROS*.

## DOIS IRMÃOS: ABÍLIO E MANOEL

**RAQUEL NAVEIRA** – Acadêmica, poeta/cronista, professora universitária

Abro o pequeno livro *Poesia* de Abílio de Barros como se fosse um presente envolto em laços delicados. Na capa, um desenho de traços rápidos, perfil de Abílio feito pelo artista plástico Jorapimo, durante uma viagem de ambos a Corumbá, que o assinou e lhe entregou com a seguinte dedicatória: “Para o irmão do ‘cabeludinho’”, no caso, Manoel de Barros. Sim, Abílio de Barros, o pecuarista e produtor rural; advogado; escritor dono de uma prosa clássica, vigorosa e discursiva; o “Guardião do Pantanal” é irmão do poeta Manoel de Barros. Da mesma estirpe cuiabana, da mesma seiva, do mesmo lugar onde os rios são “cobras de água andando por dentro dos olhos”.

Abílio, irmão caçula, lembrou-me de repente a história de Theo, negociante de arte, irmão mais novo de Vincent Van Gogh, que deu a ele todo suporte e apoio financeiro para que se dedicasse exclusivamente à pintura: tintas, telas, viagens, mesada, estúdio. Os irmãos, durante anos, trocaram cartas comoventes onde Theo procurava encorajar o irmão depressivo e Vincent revelava seus pensamentos, sua alma torturada de artista. Certa vez, escreveu a Theo manifestando o desejo de pintar retratos que tivessem vitalidade “associando duas cores complementares, sua mescla e sua oposição, têm-se as misteriosas vibrações de tons análogos”. Como sofreu Theo vendo aquele intelecto superior balançado por emoções perturbadas; o temperamento explosivo e confuso; os ataques de nervos; a ansiedade em alto grau; as alucinações; as hemorragias; o suicídio com arma de fogo! Tudo ficou para sempre impresso no autorretrato de Van Gogh: a barba ruiva e áspera, a boca infeliz, as pálpebras caídas e, ao fundo, um caos azul e cinza de redemoinho turbulento. Que contraste entre o sucesso póstumo e o fracasso e a rejeição que o artista experimentou em vida! Curta vida. Longa arte. Os quadros de Van Gogh estão entre as imagens mais conhecidas da atualidade e valem milhões de dólares. Theo permaneceu fiel até o fim no seu amor fraternal.

Um pouco assim foi Abílio para Manoel: o irmão sempre presente, lúcido na condução das finanças, consultor e amigo dos sobrinhos, porto seguro em meio a tempestades familiares e políticas. Manoel vivia para a poesia, dizia que “estudara Direito por linhas tortas”, que Deus ajeitara



FOTO: ARQ. DA ACADEMIA  
**ABÍLIO E MANOEL DE BARROS.** Irmãos na vida e na Literatura

“

Manoel, poeta e eterno menino. Abílio, homem sobre o cavalo, as rédeas dos dois destinos nas mãos”

nele um dom: “pertencer para uma árvore, escutar o perfume dos rios”. Era alguém que não desejava “cair em sensatez” e que só almejava o “fetiço das palavras”.

Como Theo, *marchand*, que amava a pintura e apresentou Vincent a artistas como Degas, Pissarro e Lautrec, que lhe ensinaram as técnicas impressionistas, descobrimos, súbito, que Abílio amava a poesia e desejou um dia, em sua juventude, ser poeta. Descobrimos que Abílio renunciou à poesia, afinal, a mãe reconhecera em Manoel o poeta e vaticinara: “\_ Meu filho, você vai ser poeta! Você vai carregar água na peneira a vida toda.” Manoel, poeta e eterno menino. Abílio, homem sobre o cavalo, as rédeas dos dois destinos nas mãos.

Na apresentação, Abílio confessa com simplicidade: “Estes poemas foram escritos pelo adolescente que fui. Nunca os mostrei. Agora, lendo-os de novo, mais de 60 anos passados, senti-me emocionado e esqueci os senões”. E, com coragem, trouxe a lume esses versos de um poeta cedo reprimido, mas jamais esquecido. Em “Cantos de Espera”, poemas datados de 1948, mostra-nos sua musa: Tereza. Tereza... que nome forte, ibé-

rico, medieval, de santa e rainha, de mulher do povo: “A esperada Tereza/ de ausências nutrida/ chegou/ Núbil, triste, pura,/ abúlica e minha,/ Como eu quis”. Tereza quase menina, vestida de silêncio, peito esfregado de flores, reconhece nele o poeta: “e poeta que tu és,/ dá-me um pouco de teus sonhos/ para arremate dos meus”. Tereza, “finada mas não defunta”, vê um dia o poeta dizer adeus: “Inclina-te sobre o meu cais,/ acena teu lenço/ Tereza,/ eu vou partir.”

A segunda parte intitula-se “O Náfego descobre o Mar”. Estranha palavra: “náfego”. Parece alteração de “náufrago”. Diz-se do animal aleijado que coxeia. O poeta é náfego, centauro manco acostumado ao mato, que, de repente, dá com o mar: “minha rua acaba no mar,/ e o mar nos limita.” Esse poeta que “veio de longe... do mar amar”, indaga em vão às ondas e o mar não responde.

Em “Esse Triste” as palavras “triste” e “tristeza” se repetem: “Tristeza quase saudade/ daquele que eu seria/ se triste hoje não fosse/ esse triste que sou.” Triste, amargo, melancólico, com desejo de morrer vendo a “chuva triste e sem sentido” caindo lá fora. Triste e belo. Em “O Experiente”, o adolescente, o moço Abílio já se sente “experiente”: “Esperanças? Já esperei. / Hoje sou Experiente,/ trago comigo a marca/ de uma idade que não tive.” Em “O Mágico”, o poeta se esconde sob capas, disfarces, brinca com palavras, utiliza-as num passe de mágica, ultrapassa o simbólico: “É preciso amigo, dionísíaco,/ incendiar as palavras,/ segredar em palavras,/ afogar toda procura.”

O livro termina com um ensaio intitulado “Reflexões sobre a poesia do ponto de vista da razão” e para a razão “a poesia é um distúrbio de caráter lírico-afetivo, vizinho da loucura”. A percepção estética ou poética é uma emoção e não busca da razão. Só os loucos ouvem estrelas como Olavo Bilac; conversam com o mar salgado pelas lágrimas de Portugal como Fernando Pessoa; dizem que a voz das águas tem sotaque azul como Manoel de Barros. Só os loucos se comunicam com o inanimado, inventam, fantasiam, voam fora da lógica, criam metáforas, dão mais importância ao sonho que à realidade. A poesia é doença da alma, sublimação, catarse. Abílio recorre à psicanálise de Freud para falar do inconsciente infantil e de sua influência, das emoções traumáticas, dos conflitos não resolvidos, das angústias. Poesia só Freud explica ou não. Poesia é orelha decepada de Van Gogh.

A história dos irmãos Abílio e Manoel tem carga dramática para se tornar filme, penso, enquanto fecho as abas de papel cartonado do pequeno livro.

## POESIAS

### POETA

Tu ficarás, embora o mundo inteiro  
Reverta ao caos, e a própria humanidade  
Regrida ao barbarismo. És o primeiro  
E, assim, penetrarás a Eternidade.

Porque, sereno em meio à tempestade,  
Percorrerás altivo o teu roteiro.  
Se és o arauto do Sonho e da Verdade,  
Não passarás. Tu ficarás, pioneiro.

E morto, um dia, além desta existência,  
Sentirás com que força e resistência  
Teus sonhos, extra-humanos e imortais,

No esquecimento e na tristeza imersos,  
Refulgirão na opala dos teus versos  
Como a luz na pureza dos cristais!

### ALTEVIR ALENCAR

### A CACIMBA \*

Sempre em borbulhar, numa eterna mágoa,  
Eu vejo, cristalino, esse olho-d’água;  
E como é triste e alvo como o linho  
Um olho-d’água à beira do caminho!...

Ali é a cacimba... rústica e isolada,  
Dos noitibós, esplêndida morada;  
Onde, fugindo da aridez do campo  
Em rondejar o alegre pirilampo.

À tarde, na figueira, a passarada,  
Numa enervante e louca revoada,  
Senta... esvoaça...em lúbrica contenda.

Faz dez anos que ali a preta amada,  
Com a grosseira saia arregaçada,  
Cantando, lava a roupa da fazenda...

### HÉLIO SEREJO

\* Com este soneto, Hélio Serejo, em 1933, aos 21 anos, conquistou o 1.º prêmio do concurso “Poetas moços militares do Brasil”, no Rio de Janeiro.

## NOTÍCIAS DA ACADEMIA

**COMEMORANDO 46 ANOS DE FUNDAÇÃO, ACADEMIA SUL-MATO-GROSSENSE DE LETRAS EMPOSSARÁ NOVA DIRETORIA (PARA TRIÊNIO 2017/20)** – Recentemente eleita, a nova Diretoria da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras será empossada no próximo 30/10, segunda-feira, 19h30min, em sessão solene na sede da ASL (Rua 14 de Julho, 4715 - São Francisco - Campo Grande/MS). Na ocasião a Academia comemora seus 46 anos de fundação. Fundada, em 30 de outubro de 1971, pelos escritores Ulisses Serra, Germano de Souza e José Couto Pontes, a instituição surgiu com o nome de *Academia de Letras e História de Campo Grande*. Esta denominação predominou até final de dezembro de 1978, quando, às vésperas da instalação da nova unidade da Federação (MS), que se daria no dia 1º/01/1979, em assembleia geral, a entidade foi transformada em *Academia Sul-Mato-Grossense de Letras*. A Diretoria que comandará os destinos da ASL pelos próximos três anos é formada pelos seguintes integrantes acadêmicos: presidente - Henrique de Medeiros; vice-presidente - Raquel Naveira; secretário-geral - Rubenio Marcelo; secretário - José Pedro Frazão; 1ª tesoureira - Elizabeth Fonseca; 2º tesoureira - Valmir Batista Corrêa.